



FUTURO DE UMA ILUSÃO: A RELIGIÃO EM FREUD A PARTIR DO COMPLEXO DE ÉDIPO

Jozy Anne Miranda Aguiar Castro¹

Weverton de Paula Castro²

RESUMO

Neste artigo, divido em três seções principais, veremos como os pressupostos iluministas formaram a base da visão de Freud acerca da religião, colocando-a em submissão ao conhecimento científico. Nosso foco principal se dará em torno de sua obra “Futuro de uma Ilusão”, no qual Freud analisa o necessário destino da religião, classificada por ele, como no título da obra, de ilusão. Por fim, veremos como na visão freudiana a religião surgiria devido ao reconhecimento do ser humano de que não pode ficar desamparado e que ela seria um tipo de neurose obsessiva das crianças que na vida adulta se manifesta como religião; e a ideia de Deus surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai e no qual a ambivalência entre amor e ódio tem um fundante papel.

Palavras-chave: Psicanálise. Freud. Religião. Complexo de Édipo.

ABSTRACT

In this article, divided into three main sections, we will see how Enlightenment assumptions formed the basis of Freud’s view of religion, placing it in submission to scientific knowledge. Our main focus will be around his work “Future of an Illusion”, in which Freud analyzes the necessary destiny of religion, classified by him, as in the title of the work, of illusion. Finally, we will see how in the Freudian view religion would arise due to the recognition of the human being that he cannot be helpless and that it would be a type of obsessive neurosis of children that in adult life manifests itself as religion; and the idea of God emerged from the Oedipus complex, from the relationship with the father and in which the ambivalence between love and hate plays a fundamental role.

Keywords: Psychoanalysis. Freud. Religion. Oedipus complex.

1. Mestre em Ciências da Religião (UEPA) e professor na Faculdade Adventista da Amazônia no curso de Enfermagem. E-mail: jozy.castro@faama.edu.br

2. Mestre em Ciências da Religião (UEPA) e professor na Faculdade Adventista da Amazônia. E-mail: weverton.castro@faama.edu.br



1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história humana, diversos estudiosos se propuseram a refletir sobre o fenômeno religioso. Dentre eles, encontra-se Freud, o qual, por meio de sua teoria da psicanálise buscou analisar as motivações psíquicas por detrás da experiência religiosa. Em diversos textos freudianos encontramos sua proposta de interpretar a psicanálise da natureza e do fenômeno religioso, assim como analisar os ritos e o comportamento no contexto da religião. Neste trabalho nos deteremos de maneira específica sobre sua obra intitulada *O Futuro de uma Ilusão*, no qual Freud se propõe a explicar a origem da religião através de uma aplicação histórico-social de suas descobertas psicanalíticas. O próprio título se propõe a avaliar o que aconteceria com um fenômeno que por ele é classificado como “ilusão”. Tal ilusão seria explicada através de sua teoria psicanalítica como o Complexo de Édipo.

2. PRESSUPOSTOS ILUMINISTAS E A RELIGIÃO SEGUNDO FREUD

Maciel e Rocha (2008), em seu artigo intitulado “Dois discursos de Freud” analisam, em linhas gerais, os dois principais discursos utilizados por Freud na tentativa de interpretar o fenômeno religioso. O primeiro seria inspirado na ideologia iluminista, que dominou o mundo acadêmico alemão durante a segunda metade do século XIX, sendo regido pelo cientificismo; o outro teria como base a perspectiva da teoria psicanalítica, levando em consideração as motivações psíquicas da experiência religiosa, principalmente no que tange aos exercícios religiosos, à psicogênese do fenômeno religioso e à natureza ilusória da experiência religiosa. Segundo os autores, o pensamento dialético dos dois discursos ajudariam a compreender sua posição ambivalente diante da religião. Em outras palavras, ao analisar os pressupostos freudianos, podemos avaliar os óculos que ele usou para definir a religião e, conseqüentemente, o fenômeno religioso.

Segundo Maciel e Rocha (2008, p. 732) a ideologia iluminista e o fazer científico positivista “tiveram uma grande influência sobre Freud, desde o início de sua formação acadêmica. São inegáveis os reflexos dessa influência, quando ele interpreta o fenômeno religioso.” Tais ideologias estavam em alta no cenário cultural que dominou a Alemanha no século XIX.

Maciel e Rocha (2008) ampliam o assunto do pensamento científico de Freud ao afirmarem que:

Na verdade, o pensamento psicanalítico de Freud, durante toda a trajetória de seu desenvolvimento, foi profundamente marcado pela confrontação da modalidade diferente, como procedem o Freud pesquisador (Forscher) e o Freud pensador (Denker). Aquele não abre mão do sonho de fazer da Psicanálise uma Ciência da Natureza (Naturwissenschaft) e este – o Freud pensador – está continuamente empenhado em elaborar, a partir de suas descobertas clínicas, uma teoria metapsicológica, que, de modo algum, enquadra-se no paradigma cientificista de sua época. (MACIEL; ROCHA, 2008, p. 734)

Para Maciel e Rocha (2008) por causa de seus pressupostos iluministas, Freud sempre

professou seu ateísmo radical e diversas vezes declarou sua descrença completa nos valores religiosos; porém, por causa do espírito explorador do Freud pensador, em suas obras há um evidente interesse pelo estudo da religião e acima de tudo, pelo estudo das motivações psíquicas que estão na base das opções religiosas.

A força da visão de mundo construída pela religião derivaria, segundo Freud, de três funções básicas: a primeira é saciar a sede humana pelo conhecimento, pois a religião fornece explicações sobre o universo; a segunda é consolar o ser humano diante dos sofrimentos da vida, através da providência divina, com a garantia de uma recompensa numa vida por vir; a terceira é o controle das relações entre os homens, através das imposições sociais de proibições e restrições. Porém, todos estes benefícios, seriam, para Freud, apenas uma ilusão. Ilusão esta que colocaria a Ciência em uma situação de difícil concorrência, visto que ela em nada se assemelha aos benefícios prometidos pela religião. Segundo Maciel e Rocha (2008, p. 739), primeiramente, a ciência não explica tudo, “nem consola o homem em suas tribulações, pelo contrário, deixa-o à mercê dela e não vela pela ética no sentido de ordenar as relações entre os homens”. Mas entre o consolo da ilusão religiosa e a dor da realidade científica, Freud prefere a segunda. Para ele, a humanidade precisara amadurecer intelectualmente, libertando-se das ilusões religiosas. Tal liberdade seria um dos papéis da psicanálise:

A última contribuição à crítica da Weltanschauung religiosa foi feita pela psicanálise, ao mostrar como a religião se originou a partir do desamparo da criança, e ao atribuir seu conteúdo à sobrevivência, na idade madura, de desejos e necessidades da infância. Isto não significou necessariamente uma contestação à religião; não obstante, representou um ajustamento de nosso conhecimento a seu respeito e, pelo menos em um aspecto, foi uma impugnação, de vez que a própria religião se arroga uma origem divina. E, na realidade, nisto parece estar correta, desde que seja aceita nossa interpretação de Deus. (FREUD, 1976, p. 204).

Para Freud, o declínio da religião seria levado a cabo pela ciência: “Nossa maior esperança para o futuro”, segundo ele, “é que o intelecto – espírito científico, a razão – possa, com o decorrer do tempo, estabelecer seu domínio sobre a vida mental do homem”. (FREUD, 1976, p. 208).

Acreditar em espíritos, vida após a morte e outras ideias que não se prestam ao escrutínio da razão, é uma atitude que nos distancia da realidade. Diz Freud: “Os enigmas do universo só lentamente se revelam à nossa investigação; existem muitas questões a que a ciência atualmente não pode dar resposta. Mas o trabalho científico constitui a única estrada que nos pode levar a um conhecimento da realidade externa a nós mesmos.” (FREUD, 1976, p. 45)

O primazia do discurso científico é evidente em Freud. Outras descrições do mundo que não sejam as da ciência tem pouco valor ou tem outra função que não seja a de explicar porquê o mundo é como é. De qualquer forma: “Ora, Freud, deixa-me crer em Deus, que mal há nisso? Se eu estiver errado, eu assumo minha ilusão!”. Freud não aceita esse tipo de



argumento porque não podemos construir conhecimento sem o uso do processo racional. Cedo ou tarde, as hipóteses que surgem a partir da ignorância sucumbem perante os teste da realidade e da razão. “Ignorância é ignorância; nenhum direito a acreditar em algo por ser derivado dela.” (FREUD, 1976, p. 45) Religioso não é aquele que acredita na sua insignificância perante o Universo, que não sabe ao certo de onde veio, nem para onde vai. Essa sensação não é o que constitui a atitude religiosa, mas um passo seguinte, isto é, a reação que busca um remédio para ela. “O homem que não vai além, mas humildemente concorda com o pequeno papel que os seres humanos desempenham no grande mundo, esse homem é, pelo contrário, irreligioso no sentido mais verdadeiro da palavra.” (FREUD, 1976, p. 46)

Como consequência do pensamento cientificista de Freud em uma de suas principais obras sobre a religião, *O Futuro de uma Ilusão* (1976), encontramos a pretensão do pensador em analisar o que aconteceria com a religião, denominada por ele como “ilusão”.

3 RELIGIÃO E ILUSÃO

O livro “Futuro de uma Ilusão” é um dos textos freudianos mais famosos acerca da religião. Em geral, ele resume o que a psicanálise diz a respeito da religião. A partir dele, é comum encontrar muitas definições psicanalíticas a respeito da experiência religiosa como algo ilusório. A obra foi escrita por Freud no auge dos seus 70 anos, no contexto delicado do descobrimento do câncer que o levaria à morte.

A obra foi escrita em um contexto de intensos conflitos pessoais por parte de Freud. Primeiramente preocupava-lhe a reação da Igreja. Parte desta preocupação pode ser vista na carta que ele enviou ao pastor Oskar Pfster, cuja amizade e estima levaram Freud a adiar, até aquela data, a publicação do livro. Ao escrever ao amigo, Freud comunica-lhe a publicação do livro:

Nas próximas semanas sairá uma brochura de minha autoria, que tem muito a ver com o senhor. Eu já a teria escrito a tempo, mas adiei-a em consideração ao senhor, até que a pressão ficou forte demais. Ela trata da minha posição totalmente contrária à religião... (Carta de Freud ao Pastor Pfster de 16/10/1927. In Freud & Meng, 1998, p. 146).

A resposta do pastor à carta de Fred demonstra um tom amigável e mesclado de admiração pela visão freudiana a respeito da religião:

No tocante à sua brochura contra a religião, sua rejeição à religião não me traz nada de novo. Eu a aguardo com alegre interesse. Um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis. (Carta de 21/10/1927. In Freud & Meng, 1998, p. 146).

Em várias passagens do livro *O Futuro de uma Ilusão*, Freud dialoga com um suposto opositor, cuja identidade muitos atribuem ao pastor Pfster e tece suas considerações, trazendo novas contribuições para uma explicação da natureza do fenômeno religioso.

Esse suposto opositor aparece em pontos cruciais do texto com questionamentos consistentes, aos quais Freud responde prontamente. Não se sabe ao certo se este opositor é fruto do imaginário de Freud ou alguém real. Se a primeira opção for verdadeira, então podemos supor que as interrogações, que ele levanta, são interrogações que ele se faz durante a elaboração de seu trabalho. Segundo Maciel e Rocha (2008, p. 736) na escrita freudiana de *O Futuro de uma Ilusão*, além do discurso cientificista, “estão presentes inúmeros questionamentos contrapostos a algumas de suas certezas. Talvez, por isso, utilize o artifício literário de um suposto crítico a interrogá-lo o tempo inteiro.”

No livro *Futuro de uma Ilusão*, Freud deixa claro que a razão impera em soberano, e a seu tribunal deveriam se submeter todas as produções humanas, até mesmo as supostas verdades religiosas. Segundo Freud: “acima da razão não há tribunal a que apelar. Se a verdade das doutrinas religiosas depende de uma experiência interior que dá testemunho dessa verdade, o que se deve fazer com as muitas pessoas que não dispõem dessa rara experiência?” (FREUD, 1976, p. 40)

Porém, diante do crivo da razão, Freud acredita que a religião foi reprovada. Assim, já que elas não foram comprovadas de modo científico, os ideais religiosos não atendem às expectativas da humanidade, e devem ser postos em descrédito. Para Freud, Ciência e religião não fazem parte do mesmo universo epistemológico. Se para ele a Ciência impera, a religião deve deixar de existir. Diante das importantes funções da religião, tais como: mitigar o desamparo, dar sentido à vida, controlar os impulsos e renunciar aos prazeres terrenos em virtude de possíveis recompensas numa vida futura depois da morte, Freud busca sua fé em outra divindade:

Nosso Deus Logos atenderá todos esses desejos que a natureza a nós externa permite, mas fa-lo-á de modo muito gradativo, somente num futuro imprevisível e para uma nova geração de homens. Não promete compensação para nós, que sofremos penosamente com a vida. No caminho para esse objetivo distante, suas doutrinas religiosas terão de ser postas de lado, por mais que as primeiras tentativas falhem ou os primeiros substitutos se mostrem insustentáveis (FREUD, 1976, p. 68).

O teólogo Paul Johson (1964, p. 186) acredita que “ao que parece existe uma tendência natural para a crença. No íntimo de todo homem há um crente. Nem todos creem nas mesmas coisas, mas todos acreditam em algo”. Assim, Freud não deixaria de crer, apenas mudaria sua divindade. Ele se torna ateu em relação à ilusão da religião, mas se torna crente da ilusão científica.

Em 1925, em seu *Estudo Autobiográfico*, fazendo uma avaliação crítica do livro *O Futuro de uma Ilusão*, Freud admitiu:

Em *O Futuro de uma Ilusão* expressei uma avaliação essencialmente negativa da religião. Depois, encontrei uma fórmula que lhe fazia melhor justiça: embora admitindo que sua força reside na verdade que ela contém, mostrei que a verdade não era uma verdade material, mas histórica. (FREUD, 1976c, p. 90).



Reconhecendo sua visão negativa acerca da religião, fruto da submissão que ele fez dela em relação à Ciência, Freud admite não ser honesto negar à religião um fundamento de verdade, embora esta verdade não seja uma verdade material (como aquela que o cientificismo declara como sendo a verdade por excelência) (FREUD, 1976b).

Em sua observação das religiões, Freud a classifica como uma neurose. Para Freud, ela surgiria de uma experiência da repressão que ocorre a partir da perversão daquilo que é visto como instinto natural no homem, entendido como pulsões sexuais, em vista de fazê-lo se expressar de outras formas menos primárias ou reprimir seus desejos mais íntimos, muitas vezes reprováveis, o que pode ocasionar neuroses, devido ao aprisionamento das emoções.

Segundo Morano (2003, p. 35), a dissociação da consciência (fenômeno fundamental que abriu as portas da psicanálise) possibilitou deparar-se com o processo denominado por Freud como perversão da vontade. Isto é, um querer inconsciente, proveniente do recalçado, impõe-se ao querer e à vontade conscientes do sujeito.

Segundo Freud, a mente tem pulsões que precisam ser de alguma forma saciadas, por exemplo a fome, a sede e o sono. Mas também existem pulsões chamadas primárias que, caso fossem realizadas poderiam se tornar alvo de repúdio pelo resto da sociedade. Para que isso não ocorra, devem ser sublimadas, ou seja, canalizadas para outras atividades mais úteis e que também servirão para reduzir a tensão da mente do indivíduo. Segundo, Maciel e Rocha (2008), diversas observações constataram que essas atitudes repudiáveis se evidenciam ao longo da cultura que se desenvolveu na humanidade e culminará no fato religioso, dando base ao pensamento freudiano de que a religião foi criada pelo homem em uma espécie de pacto que assegure a vida social. Desta perspectiva, a religião é vista apenas como elemento repressor das pulsões, e, portanto, apenas como um código de conduta moral.

Freud, a partir de uma análise mais profunda, associa a religião a expressão da culpa dos instintos primários, ou seja, ela representa um código de moral que culpa o indivíduo dos seus instintos e pulsões.

Segundo ele, existe uma espécie de compromisso entre pulsão e desejo, “isto é, de uma transação ou pacto estabelecido entre a pulsão, por um lado, e a proibição da satisfação dessa mesma pulsão, por outro” (MORANO, 2003, p. 36). Entretanto, tal pacto deixa o sujeito alienado e diante do recalçamento, tanto o neurótico como o religioso são motivados pelas culpas e se escondem mediante cerimoniais.

O indivíduo neurótico cria uma série de defesas devido às pulsões sexuais que as teme e, da mesma forma, acontece com os religiosos quanto a seus instintos antissociais e egoístas. Para Sigmund Freud, por meio da religião, muitas vezes o humano faz o que ela própria proíbe. Deste modo, Freud identifica a religião como uma “neurose obsessiva universal”, mas que teria origem em pulsões sexuais na infância, no que ele chama de Complexo de Édipo.

4 O COMPLEXO DE ÉDIPO, A RELIGIÃO E DEUS

Aprofundando sua associação da religião como repressão das pulsões sexuais, Freud atribui a origem das religiões a teoria edipiana. Segundo ele, o Complexo de Édipo acontece na fase fálica do processo de desenvolvimento da pessoa e é comum a todos. O nome deriva do mito grego do Rei Édipo. Na tragédia grega, Laio e Jocasta tiveram um filho, Édipo. Este mata o pai para ficar com a mãe, terminando com o suicídio de Jocasta e a automutilação de Édipo.

Segundo Freud, o Complexo de Édipo, se caracteriza pela separação entre a criança e os progenitores. Para ele, quando a criança nasce, esta está completamente ligada aos pais, pela satisfação das necessidades básicas. Esta dependência dos pais gera uma relação fusional, visto que a criança não existe sozinha e separada dos pais. Os pais garantem a satisfação das suas necessidades e a total proteção do meio.

A criança cresce assim numa relação triangular (filho, pai e mãe), crescendo com a ideia de que os pais, fazem parte de si (devido a extrema dependência). Vendo-os como um mecanismo “seu” para satisfazer as suas necessidades. O Complexo de Édipo vem então, “frustrar” a criança, marcando a separação entre ela e os pais, neste momento a criança começa a perceber que não é o centro do mundo, que o amor não é unicamente para si e que os pais não a podem proteger completamente do mundo.

Para Freud, o primeiro amor da criança seria a própria mãe, que é seguido por um conflito:

Desse modo, a mãe que satisfaz a fome se transforma no primeiro objeto de amor, e, certamente, também na primeira proteção contra todos os perigos indeterminados e ameaçadores do mundo exterior – na primeira proteção contra o medo, podemos dizer. Nessa função, a mãe logo será substituída pelo pai, mais forte, que a conserva ao longo de toda a infância. A relação com o pai, porém, é acometida de uma ambivalência peculiar. Ele próprio era um perigo, talvez desde o tempo de sua relação com a mãe. (FREUD, 1976, p. 43)

No desenrolar do processo de amor pelos pais, a criança percebe o pai rival como um oponente mais forte e sente a chamada ansiedade de castração, passando então a expressar-lhe uma admiração que perdura pelo resto da fase da infância e os conteúdos desse processo são lançados no inconsciente.

Percebendo que o pai e a mãe possuem uma relação, e não partilham consigo, pelo contrário, diminuem o amor e proteção face ao início. A criança responsabiliza internamente o progenitor do mesmo sexo pela separação, ambicionando o amor e proteção total como tinha no início pelo progenitor do sexo oposto.

Assim, nesta fase, a criança dirige sentimentos hostis em relação ao progenitor do mesmo sexo ou a qualquer outra coisa que desvie o amor e atenção do progenitor do sexo oposto. Porém, ao mesmo tempo que o menino é inimigo de seu pai visto que este lhe tira o amor da mãe, o menino ambiciona ser como o pai, identificando-se com o mesmo, visto que



este conseguiu ter o amor da mãe.

Apesar de Freud usar o termo do Complexo de Édipo para explicar problemas mentais, ele também busca explicar a religião a partir dele. Esta teoria seria para Freud uma “estrutura básica universal”. Para ele, a religião pode ser entendida como uma consequência edipiana, no qual a angústia do homem religioso toma outras proporções, agora, dentro de uma formação cultural e com um novo estilo de pai – todo poderoso.

Maciel e Rocha (2008) analisam as necessidades básicas dos bebês e defendem que eles têm dependências narcísicas de objetos que lhe assegurem amparo e proteção, sendo que o primeiro seria a figura materna que oferece alimentação e proteção contra todo o tipo de realidade externa e ansiedade. Assim, quando a criança cresce, sua necessidade de se sentir protegida ainda existe. Quando grande ela tem que se deparar com fenômenos naturais como a morte. Para Freud, a relação atribuída à figura paterna passa a ser direcionada a deuses criados pelos próprios homens e aos quais eles (os homens) temem, redirecionando seus sentimentos narcísicos para este ser divino que deve ser cultuado e adorado.

Segundo Freud, “Os deuses conservam a sua tripla tarefa: afastar os pavores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, em especial como ela se mostra na morte, e recompensá-los pelos sofrimentos e privações que a convivência na cultura lhes impõe. (FREUD. 1976, p. 36)

Porém, os deuses vão se retirando da primeira tarefa, pouco interferindo nela e se apoderando cada vez mais da terceira, “a partir de então, torna-se tarefa divina compensar as falhas e os danos da cultura, atentar para os sofrimentos que os homens se infligem mutuamente na vida em comum e vigiar o cumprimento dos preceitos culturais aos quais eles obedecem tão mal” (FREUD. 1976, p. 37).

No capítulo III de seu livro “Futuro de uma Ilusão” ele inicia com a seguinte pergunta:

“Em que reside o valor especial das ideias religiosas?” Sua resposta é que ela gera uma pressão sobre a cultura através das “renúncias aos impulsos que exige.” (FREUD, 1976, p. 33)

Podemos concluir então que para Freud, a religião acontece devido ao reconhecimento do ser humano de que não pode ficar desamparado e que ela seria um tipo de neurose obsessiva das crianças que na vida adulta se manifesta como religião; e a ideia de Deus surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai e no qual a ambivalência entre amor e ódio tem um fundante papel.

Ele mesmo resume que em seu livro “Futuro de uma Ilusão” “Procurei mostrar que as ideias religiosas resultaram da mesma necessidade que todas as demais conquistas da cultura, da necessidade de se defender da prepotência opressora da natureza.” (FREUD, 1976, p. 40)

A relação da criança com o pai é representada por ambivalência: Deus é ao mesmo tempo objeto de amor e de temor. Tal razão pode derivar do fato de que tememos o pai porque ele mesmo constitui um perigo para nós, afinal, amamos nossas mães, objeto do pai.

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia em sua própria proteção. (p. 36)

Para Freud, a relação de amor/terror, de fascínio e servidão que mantemos com o pai é prototípica para a ideia de Deus. Segundo ele, “tudo é a relação pai-filho, Deus é o pai elevado, o anseio pelo pai é a raiz da necessidade religiosa.” (FREUD, 1976, p. 42)

Porém, a ideia elementar de um Ser supremo, de um Deus Pai, segundo Freud, deve se considerar objetivamente infundada. Como a fraqueza infantil faz sentir a necessidade de proteção, que a criança experimenta no amor paterno, assim a visão desta dependência, que a acompanha durante toda a vida, a leva a criar para si um outro pai, porém um mais poderoso, já que seus desafios se tornam cada vez maiores. Tendo-se tornado adulto, remonta através da recordação à imagem do pai da época infantil, por ele tão sobrestimado, eleva-o à divindade e transporta-o para a realidade do presente.

Portanto, na perspectiva freudiana, o conflito edipiano entre pais e filhos continua na vida adulta, e de forma quase que inconsciente, a partir da ideia de Deus, na qual Freud pensou uma situação primeira onde o pai ciumento é devorado pelos filhos que queriam ter as mulheres e não podiam devido ao ciúme do pai. Diante desse assassinato, entendido por ele como um pecado originário, surgiria a moral, a religião e o direito.

Em seu livro “Crer depois de Freud”, Carlo Eduardo Morano (2003), psicanalista, teólogo e filósofo espanhol, fala-nos, mencionando inclusive diversos estudos realizados entre religiosos, que, embora a apresentação seja a da figura do pai/padre, é a relação com a mãe que está por trás da escolha religiosa. Diz ele:

Essa escolha desempenha muitas vezes a função psicológica de excluir qualquer tipo de compromisso sexual, de modo a manter o sujeito apegado, infantil e inconscientemente, à sua mãe. Uma situação edipiana não resolvida é patente como pano de fundo dessa exclusividade amorosa (MORANO, 2003, p. 38).

Trata-se de mães presentes, cuidadosas e pais distantes e omisso que são posteriormente internalizados pelo superego – em dissonância com o pai real – com as características de perfeição e onipotência que lhes foram atribuídas na primeira infância.

Morano (2003, p. 39) comenta que a partir da plataforma mitológica, Freud explica que, se algum filho tomasse o lugar do pai, o crime se perpetuaria sempre. É justamente sobre essa realidade que a religião se firma e dá vida novamente ao pai de diversas formas: “sob a forma do animal totêmico do clã, prosseguindo depois suas metamorfoses em heróis, deuses e demônios, para vir finalmente encontrar sua mais cabal ressurreição na figura do Deus único judeu-cristão”.

O cristianismo seria então, para Freud, uma religião que expressa o drama de pai e filho, através das figuras do pecado original e a morte do filho como meio de livrar do pecado, desta forma, trazendo o pai à tona novamente. Logo depois, o dogma da ressurreição mais



uma vez coloca o filho em posição privilegiada em relação ao pai. Para Freud, o judaísmo não soube reconhecer a morte do pai e, por isso foi fadado ao declínio e à perseguição.

De fato, é comum no cristianismo e judaísmo Deus ser representado pela imagem de um Pai. Embora na Bíblia ele também aparece na forma de imagem feminina (galinha, porta, mãe).

Tarcísio Andrade (2009, p. 181), em seu artigo intitulado “Psicanálise e religião”, introduz seu estudo descrevendo um dia que Freud, dirigindo-se a Breuer, a quem seu pai no leito de morte transmitira a tarefa de cuidar do filho, disse: “Chega um dia que temos de abdicar de todos os pais e se por de pé sobre os próprios pés”. Tal fala seria uma alusão à autonomia, ao sujeito constituído na responsabilidade pelos seus próprios atos.

CONCLUSÃO

Neste artigo, observamos como os pressupostos iluministas formaram a visão freudiana a respeito da religião, sendo que esta foi relegada a posição de submissão em relação ao conhecimento científico. A partir de sua obra “Futuro de uma Ilusão”, Freud sugere que a religião surgiria devido ao reconhecimento do ser humano de que não pode ficar desamparado e que ela seria um tipo de neurose obsessiva das crianças que na vida adulta se manifesta como religião; e a ideia de Deus surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai e no qual a ambivalência entre amor e ódio tem um fundante papel.

Cabe aqui ressaltar que a origem “psicológica” da religião não diz nada sobre a existência (ou não existência) de Deus. Se propor a “provar” ou “demonstrar” que Deus não existe, a partir das obras de Freud é um grosseiro erro de lógica. Isto pois se a psicanálise e, mais especificamente, o Complexo de Édipo, podem ser utilizadas para “explicar” a crença religiosa em Deus, elas também podem ser utilizadas para explicar o ateísmo, a não crença em Deus/deuses.

As ideias religiosas são ilusões porque, segundo Freud, seria realmente muito bom se existisse um Deus benevolente, que cuida de nós e que nos dá uma vida após a morte. Um Deus que fará justiça a todas as injustiças que há neste mundo, e que nos recompensará por todas as privações a que somos submetidos por causa da civilização. A questão é que porque queremos acreditar que isso seja verdade, tais crenças se classificam como ilusões pois derivam de desejos humanos, do nosso desejo de que as coisas realmente sejam assim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Tarcísio. **Psicanálise e religião**. In: Estudos de Psicanálise. N. 32. Aracaju, 2009



MACIEL, Karla Daniele de Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. **Dois discursos de Freud sobre a religião**. Revista Mal-esta e Subjetividade. vol. VIII. Nº 3. Fortaleza, 2008.

FREUD, E.; MENG, H. (Orgs.). **Cartas entre Freud e Pfster**: Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Viçosa, MG: Ultimato, 1998.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. **Totem e tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

FREUD, S. **Um estudo autobiográfico**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1976c.

MORANO, C. D. **Crer depois de Freud**. São Paulo: Edições Loyola, 2003)